Sei que responder com as coisas mais óbvias é o que todo mundo faz quando pedem "descreva seu dia". Por isso fico em dúvida se devo dizer que o meu começou como o de todo mundo — ou quase

todo mundo. Com o despertador tocando na cabeceira da cama.

Meu velho despertador de corda, amarelo, foi presente da minha avó quando passei a morar e trabalhar sozinho. Antes era ela quem me acordava todas as manhãs para começar o dia — agora era o despertador quem fazia isso em seu lugar. Ela disse que assim eu lembraria dela toda manhã ao acordar, e até a cor era simbólica, porque amarelo é a cor que ela mais gosta.

Devo dizer que, depois de lutar contra a sonolência para sair da cama, escovei os dentes, tomei uma ducha e depois um café para me aquentar antes de ir ao trabalho? Realmente não sei se estou fazendo isso certo ou se só estou contando fatos tediosos, mas a verdade é que a maioria dos dias são assim, monótonos, cinza e tediosos. Então vou seguir meu relato logo após vestir as galochas, a capa de chuva e o guarda-chuva, e sair.

Ao abrir a porta da minha minúscula espelunca que não sei se posso chamar de lar, me deparei com o corredor do andar todo encharcado, como vinha acontecendo nas últimas semanas. O novo morador do 304, Senhor Miller, um velho rabugento que trabalhava nas docas à noite, chegava ensopado todas as madrugadas e não se dava o trabalho de se secar — mesmo que minimamente — na entrada do prédio, como todos fazíamos. O resultado eram degraus da escada e corredor sujos e úmidos, daquele tipo de sujeira que piora conforme mais pessoas vão andando sobre ela, parecido com banheiros masculinos dos bares na madrugada, próximo da hora de fechar. Os corredores só eram limpos ao meio-dia, então, pelo menos ao chegar do trabalho, a entrada para meu apartamento estava limpa, graças à Mariele, a gentil faxineira que se ocupava da limpeza do prédio.

Tentei ignorar a sujeira e falhei, como em todas as manhãs, e segui meu rumo. Antes de abrir a porta do prédio, hesitei um segundo, como fazia todas as manhãs — era um ritual involuntário para me preparar para o frio da chuva lá fora. A chuva estava no que eu costumava chamar de moderada. Eram 7 da manhã, ainda não totalmente escuro — mesmo que houvesse um apagão e as luzes da rua se apagassem, ainda seria possível enxergar e andar por aí. Moderada porque, raramente, havia dias ainda mais claros, dias melhores, considerava eu. Dias de chuva leve aconteciam umas 7

vezes por ano, pelo menos foi a quantidade que aconteceram há 5 anos, quando decidi começar a contar. Em dias assim, a chuva forte cessava quase por completo, caía apenas uma leve garoa, que ainda molhava o suficiente, mas era tão bom que nessas ocasiões eu andava somente de capa, deixava o guarda-chuva pra lá e aproveitava as gotas finas no rosto, molhando meus cabelos, enquanto fixava meus olhos no céu, vendo os raios de sol que conseguiam penetrar entre as nuvens, raios refratados e refletidos diversas vezes, raios de sol bêbados, que chegavam fracos, mas eram os raios que tínhamos.

Saí do prédio e fui para a esquerda, como em todas as manhãs. Atravessei a rua e dobrei a esquina para a direita, na Avenida 4, e segui adiante. Três quarteirões à frente, passei pelo Dottie's Diner, onde Angela trabalhava. Eu quase não acreditava que realmente tinha um encontro com ela à noite. Que depois de tanto tempo apreciando ela e querendo puxar assunto, depois de semanas de papo furado e conversas quase legais que às vezes se tornavam constrangedoras, finalmente eu consegui a chamar para sair, e o mais impressionante — ela aceitou. Fazia tanto tempo que parava ali para um café — e para namorá-la, sem ela saber — após o trabalho, que nem sabia para onde levá-la. Combinamos de nos encontrarmos ali, às 18h, e eu poderia decidir onde iríamos jantar. A verdade é que por mim não importava o lugar, poderíamos comer ali mesmo, estava tão empolgado para ter uma chance com ela que pouco me importava onde estaríamos, porém, imagino que ela não iria gostar de ficar no mesmo lugar em que trabalha depois de seu expediente, então teria de pensar em outro lugar ao longo do dia. Eu quis entrar para vê-la e lembrá-la de nosso encontro à noite, mas achei que poderia parecer um tanto emocionado, então decidi seguir direto para o trabalho.

A cerca de quinhentos metros da cafeteria, ficava o Distrito Industrial Norte. O prédio do meu serviço ficava bem no começo, na segunda quadra do distrito — era um prédio de seis andares, de cor cinza sem graça e com poucas vagas para estacionar carros, um dos motivos para eu andar a pé e não comprar um carro (o motivo principal era a falta de dinheiro). Meu prédio não tinha nenhum nome bonito, como a cafeteria em que Angela trabalhava; era chamado somente de Unidade Industrial N7, ou só N7, como os

funcionários chamavam. Inicialmente estávamos situados no Distrito Industrial Leste, Unidade L14, próximo às docas, mas seis anos atrás, aconteceu uma reorganização burocrática na ilha que mudou certos institutos de lugar, incluindo o Departamento de Sistemas Meteorológicos, no qual eu trabalho desde o início da minha vida adulta. Como todos os adolescentes fazem nessa ilha, ao chegar aos meus 16 anos, fui até o Comitê de Bem-Estar, que, entre os vários papéis que desempenha, é responsável por garantir e organizar os empregos dos moradores da ilha. Mesmo antes de chegar minha idade de trabalhar eu já achava confuso um Comitê fazer tantas coisas dessa forma — por que não ter um Comitê do Trabalho? Um Comitê de Trânsito? Um Comitê da Família? Eu não sabia a razão, e quando perguntava para minha avó, ela nada sabia sobre isso, e nem tinha interesse, apenas me respondia "Simplesmente é assim que é". De qualquer forma, lá estava eu, em meus 16 anos, cheio de hormônios e espinhas no rosto, sentado de frente a um dos Capas Pretas do Comitê de Bem-Estar em uma salinha minúscula, ansioso para saber qual papel essencial eu iria desempenhar para nossa sociedade. O processo foi mais decepcionante do que eu havia imaginado. Depois de uma série de perguntas cujo sentido eu não entendia muito bem, o Capa Preta me deu duas opções e me pediu para escolher a que eu mais me identificasse: Analista de Sistemas Meteorológicos ou Técnico de Manutenção de Máquinas. Eu não entendia muito bem de nenhuma das duas coisas, nunca havia consertado nenhum computador e também nunca havia sequer usado um sistema meteorológico, quem dirá programar um. No entanto, achei a opção de analista mais interessante, era um pouco mais desafiador, e para um jovem sem nenhuma noção de realidade e com grandes aspirações, quanto mais desafiador, melhor.

Hoje em dia me pergunto se minha vida como Técnico seria muito diferente do que é agora. Provavelmente não — ainda seria um homem de 34 anos morando sozinho, sem esposa nem filhos, só que, ao invés de ir para o N7 todos os dias, iria para o O12, onde fica o Departamento de Manutenção de Máquinas. E provavelmente não teria conhecido Angela, que conheci há cinco anos, depois da mudança para o Distrito Norte, quando passei a frequentar o Dottie's Diner. Pensando bem, fico feliz pela minha escolha de emprego, e se tudo der certo à noite, ficarei ainda mais. Entrei no

hall do N7, guardei meu guarda-chuva e estendi minha capa, sequei bem os pés em um enorme tapete antes da escada e subi até o quinto andar, onde ficava meu departamento. Olhei para meu relógio de pulso: eram 7h26. Meu expediente começava às 8h, então fui para o refeitório tomar o cotidiano café antes de começar a labuta.

Lá dentro, estavam Richard, Dawson, Emilia e Yuri, alguns dos meus colegas de trabalho — na verdade, conhecidos de trabalho. O único que posso chamar de colega, ou até de amigo, era Richard, que estava sentado sozinho, mais por escolha própria do que qualquer outra coisa, enquanto os outros três se juntavam na mesa principal e conversavam. Richard não costumava chegar adiantado; ele levava sua esposa, Maria, de carro até o trabalho no Distrito Leste antes de vir para cá, então, na maioria dos dias, chegava às 8 em ponto, e nos dias em que se adiantava, esperava dar o horário sentado no carro para só depois subir.

— Você está bem? Precisa de algo? Algum bicho lhe mordeu? — me sentei ao lado dele e falei em tom zombeteiro.

— Muito engraçado — Richard deu um sorrisinho amargo. — Acabou o café em casa, precisava muito de uma dose, ou se ficasse no carro, ia acabar pegando no sono.

— Não me diga que passou outra noite — me aproximei um pouco e cochichei — brincando de fazer bebês...

— Quem dera fosse, mas foi justamente o contrário. Maria estava se sentindo mal, deprimida novamente, não conseguia dormir.

— Ah — me senti envergonhado. — Me desculpe pela brincadeira.

— Tudo bem, não se preocupe com isso.

— Ela está melhor?

— Eu não diria melhor, mas eu disse a ela que ir ao trabalho iria lhe fazer bem, faria esquecer o assunto por um tempo. Sabe, estamos dando uma pausa, reconsiderando se vamos mesmo querer continuar tentando ter um filho. Sei que você não entende, mas é

uma situação difícil, principalmente para as mulheres.

— Eu posso imaginar a frustração. Ainda penso em ter filhos um dia; sei que será difícil, provavelmente terei de me contentar em não ser pai.

— Pois é. Faz pouco tempo desde o ocorrido com o segundo bebê, e o primeiro foi há tanto tempo, 6 ou 7 anos atrás, então as esperanças de conseguirmos agora estão bem baixas.

— Dê um tempo a ela — coloquei mais café na xícara de Richard. — Sei que logo se sentirá melhor.

Richard apenas fez que sim com a cabeça. Logo o relógio marcou 8 e nos dirigimos para nossas baias. A baia de Richard não era próxima da minha, mas não importava muito, pois ele mal ficava no escritório. Ele era responsável por instalar e fazer a manutenção dos sistemas nos aparelhos meteorológicos, então ficava mais em campo do que em sua mesa, já que, com a chuva, os sistemas enlouqueciam e precisavam de manutenção e atualizações constantes. Richard tinha poucos amigos no trabalho — diria que apenas eu e Simon —, o que era estranho, pois era um homem alto e de rosto muito agradável, cabelo liso, loiro escuro, quase castanho, vivia com a barba feita e bem arrumado, do tipo de sujeito que faz sucesso em ciclos sociais. No entanto, parecia escolher ser recluso e manter poucos amigos. Acredito que só nos conhecemos e viramos amigos por termos entrado juntos no departamento, como novatos; nos unimos e criamos uma amizade que já durava mais de uma década.

Depois do café, não vi mais Richard no escritório, e o dia passou lentamente, alternando entre a tela do computador, café e observar a chuva pela janela, com exceção de uma breve conversa com Simon, para pedir ajuda sobre onde levar Angela. Ele me sugeriu o restaurante bistrô da rua 13, disse que serviam um ótimo salmão grelhado. Eu aceitei a sugestão e segui com o trabalho, até perto das 17h, quando comecei a ajeitar minhas coisas para sair. O céu já estava escuro lá fora e só se enxergava a rua com a ajuda da iluminação pública. Eu nem havia saído e o frio da chuva já parecia me pegar, só de olhar pela janela. Desci as escadas, vesti minha capa e apanhei meu guarda-chuva. Saí sem cerimônia dessa vez,

estava ansioso demais para isso.

A rua estava mais vazia do que de costume, ou talvez fosse só impressão minha, nervoso como estava para a noite. A chuva, que já vinha forte desde o fim da tarde, parecia ter ganhado ainda mais peso enquanto eu andava — aquele tipo de chuva que tira a vontade de olhar pra cima, então mantive os olhos na calçada, contando os próprios passos sem perceber que estava fazendo isso.

Foi assim, de cabeça baixa, que quase passei direto pela boca do beco entre a lavanderia e o prédio abandonado da esquina — um espaço que eu via todos os dias, sem nunca ter reparado de verdade nele antes. Só parei porque ouvi alguma coisa. Não um grito. Nada tão certo quanto isso. Mais parecido com um som contido, alguém tentando não ser ouvido, o que, por algum motivo, é sempre pior do que ouvir alguém gritar.

Fiquei parado por um segundo, avaliando se deveria seguir andando. Outro dia, com certeza teria seguido — mas havia algo naquele som que destoava de tudo que eu já conhecia daquela rua, daquela ilha inteira, na verdade. Chuva, passos, o motor distante de algum carro; eram os únicos sons que eu sabia identificar de cor. Aquele não era nenhum deles.

Entrei no beco. A chuva ali dentro parecia ecoar ainda mais alto entre as paredes estreitas, e as poucas lâmpadas da rua mal alcançavam o fundo escuro. Fui avançando devagar, sem saber bem o que esperar — e foi então que a vi.

Encolhida contra a parede, no fim do beco, estava uma menina. Encharcada da cabeça aos pés, os braços em volta dos joelhos, tremendo — não saberia dizer se de frio ou de outra coisa. Não aparentava mais que oito ou nove anos.

Fiquei parado ali, sem saber o que fazer com as mãos, com as palavras, com o próprio corpo. Nunca, em nenhum dia da minha vida, eu tinha encontrado uma criança sozinha daquele jeito, largada num beco esquecido, debaixo daquela chuva que não perdoava ninguém.

— Ei — falei, baixinho, agachando na altura dela. — Você está

bem?

Ela não respondeu. Só ergueu os olhos — dois olhos claros, assustados —, como se estivesse avaliando se eu era mais uma coisa da qual precisava se esconder.